

Manelito de Taperoá e o resgate de raças de caprinos no semi-árido

João Macedo e Rômulo Menezes*

Em um final de tarde de um dia quente, na varanda da Fazenda Carnaúba, em Taperoá, no Cariri Paraibano, Manoel Dantas Vilar Filho, mais conhecido como Manelito, nos recebeu para uma conversa sobre seu trabalho de recuperação das raças nativas de caprinos. Entusiasmado, Manelito conta como lançou mão de sua “lógica de engenheiro” para trabalhar em um ambiente de “águas desarrumadas” como o do sertão.

Nascido em 1937 na própria fazenda, viveu nela até os 11 anos de idade, quando se mudou para o Recife a fim de dar prosseguimento aos seus estudos. Formou-se em engenharia civil em 1959 e, por vários anos, teve uma bem-sucedida carreira como engenheiro. Em 1971, “na contramão da rota clássica da migração”, retornou para tocar a Fazenda Carnaúba, dando continuidade às atividades do pai, falecido em 1969. Apesar dessa longa passagem pela cidade grande, sua sensação é a de que nunca saiu da fazenda.

Meu esqueleto andou aí pelo Recife e outros locais onde morei durante 20 anos, mas as coisas mais importantes e mais sensíveis pra mim ficaram presas aqui.

Desde o primeiro momento, dedessei mais de 30 anos em que se dedica exclusivamente à ativi-

dade de criação de animais, Manelito percebeu que não existiam tecnologias que viabilizassem a agropecuária na região semi-árida. Seu discurso é enfático nas críticas aos sistemas oficiais que sempre trataram de copiar as tecnologias dos climas temperados ou tentaram resolver os problemas do semi-árido pela via da irrigação.

A solução do semi-árido não é a água para irrigação. Água só é imprescindível para que as pessoas e os animais bebam. Fora isso, a atividade agropecuária tem que ser compatível com a chuva que cai aqui, diz ele.

Foi a busca dessa compatibilidade que o levou a trabalhar por décadas para, entre outras coisas, resgatar e valorizar a rusticidade das cabras “nativas” do semi-árido, submetidas a quatro séculos de seleção para a sobrevivência nesse ambiente seco, mas de vegetação riquíssima e de grande potencial para a pecuária de ruminantes.

Manelito, por que o senhor começou a fazer esse trabalho de resgate de raças de caprinos?

Do ponto de vista biológico, qualquer animal nativo ou planta nativa, por definição, seja qual for, tem maior compatibilidade com o local do que outro que não é nativo, não é verdade? Tanto é que o nome das raças dos animais, desde a galinha até o boi, quase sempre faz uma referência ao lugar onde foi selecionada. Então, logo de cara, as nativas são melhores de que as “gringas”. Tudo o que eu fiz foi um elementar exercício de lógica de engenheiro, com a assessoria ideológica de um intelectual brasileiro decente, que é Ariano Suassuna, pois nós somos sócios na criação de cabras.



Foto: Rômulo Menezes

Entrevista a Manelito na Fazenda Carnaúba em Taperoá – PB

Além disso, eu também tinha uma preocupação específica de obter animais com dupla função. A necessidade de fazer raças especializadas é para quem tem pouca terra, pouca fotossíntese e neve durante quatro meses. No Brasil temos esse potencial enorme de poder ter animais de dupla função e, no que se refere à cabra, de tripla função: leite, pele e carne. Nesse caso, a carne é a terceira função, e por isso não tem sentido uma raça de bode especializada em carne. No mundo inteiro, a caprinocultura começa com leite, em segundo lugar vem a pele e, em terceiro, fica a carne. Para produzir carne, um carneiro é muito mais eficiente do que um bode.

A que o senhor atribui o desaparecimento das raças nativas de caprinos aqui no Nordeste?

Ao abandono do material genético superior, que a natureza do Nordeste selecionou por ela mesma, criando uma incrível compatibilidade. O que realmente deve ser feito é um processo de seleção dentro dos agrupamentos do mesmo tipo, da mesma raça, mesmo que não tenha sido oficialmente reconhecida como tal. Depois, você restabelece a função leiteira, volta ao encontro do potencial original dela. Só é preciso ter alguma competência e paciência. Olhe para o ombro daquela Moxotó (aponta para uma das cabras que vai passando). Em cima daquela cabra tem 41 anos de serviço de seleção. Era isso que as empresas de pesquisa deviam estar fazendo no Nordeste.

Mas veja bem: mesmo com todo o menosprezo que as cabras receberam aqui no Brasil das mais variadas instituições, desde o Ministério da Agricultura, passando pelas instituições de ensino, Secretarias de Agricultura, agências de fomento e até mes-

mo de nós fazendeiros do sertão, elas insistiram: “Meu lugar é aqui.” Ainda hoje, 95% das cabras do Brasil estão no Nordeste seco, entre a Bahia e o Piauí. Você quer lição maior do que essa? Nesse abandono, a seleção natural para a função leiteira foi negativa, mas, em compensação, houve o melhoramento genético da rusticidade, prolificidade e qualidade da pele.

Quais as raças de cabras que já resgatou e qual a história delas no semi-árido?

Bom, tenho Moxotó, Gurguéia, Marota, Canindé, Graúna, Cabra Azul e Repartida. Esta última é também conhecida como Surrão. A maior parte das raças de hoje tem orelhas curtas e são descendentes de animais que vieram da Península Ibérica. Já as orelhudas vieram do norte da África, mas essas são inferiores em termos de conciliação com o ambiente do semi-árido se as compararmos com as pirenaicas de orelha curta. Aqui na propriedade tenho uma delas de mostruário.

A gente cria de forma mais extensiva a Gurguéia, que é homóloga da Parda Alpina. A Moxotó é a mesma Serpentina de Portugal ou Alpina Mantelada da França. O nome Moxotó foi dado porque tinha ocorrência dela no Vale do Moxotó. Bom, tenho também as Graúnas, que são pretinhas e descendem das Mucianas do sul da Espanha, além de um rebanho da Cabra Azul, que a gente chama Serrana Azul. A Cabra Azul eu ganhei de presente de um amigo. Ela veio de Portugal, da região de Trás-os-Montes, mas agora está nativizada aqui, como nós. As de lá são iguais, mas têm uns pêlos grandes. Os quatro séculos no Nordeste diminuíram o pêlo por sua *desnecessidade*, pois aqui não tem neve, e isso aumentou a qualidade da pele, que é mais resistente e mais qualificada. Tenho um grupo de amostra da Canindé e também, como eu disse, da Marota e da Surrão.

Essa questão das raças é curiosa, pois quem as definiu foi o povo. Raça de cabra, raça de animal é essencialmente uma convenção entre os criadores, homologada, ajudada e apoiada pelas instituições técnicas oficiais. Aqui no Brasil, as instituições oficiais não fizeram o inventário das cabras, assim como em todos os países do mundo. Apesar disso taxaram as cabras brasileiras como SRD (Sem Raça Definida). O povo já definiu várias raças: Moxotó, Marota, Canindé, Graúna, Repartida. Agora só falta tomar as providências para homologar oficialmente.

Por onde essas raças de caprinos têm se espalhado?

Na verdade, a ocorrência desses animais é generalizada. O que fiz foi sair por feiras e propriedades catando animais com as características fenotípicas das raças originais e os coloquei para cruzar com os das raças análogas européias. Já tem muita gente criando esses animais em vários locais do Nordeste, exatamente por terem percebido ao longo do tempo as vantagens dessas raças em termos de rusticidade e prolificidade nas condições do semi-árido. Muitos amigos já têm cabras e ovelhas nativas. Há também o recente interesse de algumas instituições oficiais em montar programas de pesquisa com esses animais.

O senhor também tem recuperado e trabalhado na seleção de raças de ovinos e bovinos?

Tenho quatro raças de ovinos aqui na propriedade: a Morada Nova, a Cara Curta ou Sabugi, a Santa Inês Barriga Preta e, por último, a Cariri, que foi resultante de uma segregação da Barriga Preta. Raças de bovinos eu tenho a Guzerá e a Sindi, que são raças oriundas do Sudeste Asiático (Índia e Paquistão) e que selecionei para obter animais de dupla função.

A gente sabe que, além de recuperar as raças de caprinos, o senhor também tem valorizado as forragens nativas da caatinga. Como é isso?

O semi-árido do Nordeste, dentre as zonas secas do mundo, é onde mais chove, é a que tem a vegetação natural mais rica e a que acolhe a maior densidade de população. Tudo isso já é uma informação fundamental de que a região é boa. Infelizmente, o reconhecimento disso é algo que institucionalmente ainda não aconteceu. Veja só, os australianos foram pegar o capim buffel no norte da África no fim do século XIX (1890), e você

Aqui temos que proteger o solo com procedimentos vegetativos para conservar a caatinga; e aí nada como botar um vegetal que, além de conservar o solo seja, simultaneamente, uma forrageira adaptada que pode garantir a base da economia pecuária do Nordeste.

sabe de onde eles pegaram as leguminosas para fazer os consórcios com os capins deles? Aqui em Taperoá e em Capim Grosso na Bahia, em 1903. Então você vai ver que a agronomia oficial do Nordeste é em cima de algaroba, atriplex, leucena e cunhã, e que despreza o maior manancial de leguminosas e ervas deste país que é a vegetação do semi-árido do Nordeste. Nós temos forrageiras nativas adaptadas às condições da região semi-árida que possuem alto valor nutritivo, como a jureminha, o feijão-bravo, o feijão-de-rolinha, o amarra-cachorro, o engorda-magro, a jurema-preta, a malva-doce, além de outras espécies.

A vegetação da caatinga responde às necessidades alimentares das criações no semi-árido?

Os nordestinos fizeram pecuária extensiva ao longo de quatro séculos sustentados pela caatinga e assim colonizaram a região. Entretanto, nos dias de hoje, a caatinga não se sustenta por si só como sistema de produção de forragem animal.

Em condições normais, são necessários de 15 a 30 hectares de caatinga para manter uma cabeça. Porém, em um ano de seca você pode ter 100 hectares por cabeça e sua vulnerabilidade é a mesma. Então precisa haver intervenções tecnicamente agendadas e adequadas para a caatinga, o que eu chamo de processo de racionalização do uso da caatinga. Na minha cabeça isso se resume em multiplicar as ervas e as forrageiras nativas da caatinga. Remover os vegetais que não têm utilidade como forrageiros e pôr no lugar os capins do norte da África que são perenes. Na região seca, para mim, lavoura e pecuária têm de ser mantidas com plantas perenes. A caatinga é rica em leguminosas, mas até hoje não se sabe da ocorrência de nenhum capim perene entre as espécies nativas daqui. Você quer algo mais ecológico e rico do que a palma? Ela foi introduzida no Brasil há mais de um século e nunca a estudaram. Palma, em primeiro lugar, é comida de gente, como fruta e verdura. Além disso, é uma forrageira fantástica e uma das grandes ferramentas de combate à erosão nas terras mais secas da África. Outro exemplo semelhante é o do capim buffel. O buffel entrou nos Estados Unidos não por iniciativa do departamento de pecuária, não, foi devido ao departamento de conservação de solos.

Aqui temos que proteger o solo com procedimentos vegetativos para conservar a caatinga; e aí nada como botar um vegetal que, além de conservar o solo seja, simultaneamente, uma forrageira adaptada que pode garantir a base da economia pecuária do Nordeste.

**João Macedo: agrônomo, assessor técnico da AS-PTA.
joao@aspta.org.br*

*Rômulo Menezes: agrônomo, doutor em ciências do solo e professor adjunto do Departamento de Energia Nuclear da Universidade Federal de Pernambuco.
menezes@ufpe.br*